

BAHIA

Salvador

Sex, 30/11/2007 às 09:57 | Atualizado em: 30/11/2007 às 09:57

Lapa não passa por monitoramento de estrutura desde 2001

João Pedro Pitombo, do A TARDE On Line

Tags: Salvador

Xando Pereira / Agência A Tarde



Passarelas são verdadeiras armadilhas para seus usuários

[>>Viadutos mostram sinais de deterioração](#)<http://www.atarde.com.br/cidades/noticia.jsf?id=811227>[>>Prédio do CAB precisa ser monitorado, diz engenheiro](#)<http://www.atarde.com.br/cidades/noticia.jsf?id=811219>

Quarta-feira, 28 de novembro, 16 horas. Três dias após desabamento de parte da arquibancada da Fonte Nova, que vitimou sete torcedores, o engenheiro Antônio João Leite recebe um telefonema. Único especialista em monitoramento de estruturas da Bahia, ele é acionado pela Secretaria de Transportes e Infra-estrutura da prefeitura para realizar mais uma inspeção na estação da Lapa, utilizando técnicas de extensometria.

Em 1999, João Leite recebeu este mesmo telefonema, solicitando um monitoramento que não era de rotina. Na ocasião, um dos 64 tirantes que sustentam o viaduto da estação da Lapa havia rompido. Com o problema, o engenheiro realizou uma vistoria minuciosa no local e instalou um sistema de sensores para que se pudesse fazer uma fiscalização periódica da estação. Esta manutenção ocorreu, periodicamente, até 2001, quando foi finalizada a obra de substituição dos tirantes que sustentam o viaduto.

Os sensores, contudo, não tiveram utilidade de 2001 para cá. Neste intervalo de seis anos não foi realizada uma só inspeção com uso da extensometria na maior estação de transbordo da capital.

Inspeção - O viaduto da Lapa, em formato estaiado, é amparado por cabos que ficam presos a uma torre central com 50 metros de altura. Desta forma, se diminui a necessidade de colunas de sustentação, liberando o solo para a passagem dos ônibus.

Na época do acidente, em 1999, foi detectada a oxidação em grande parte dos tirantes. "A extremidade superior dos tirantes estava completamente comprometida. Havia um perigo eminente de rompimento daqueles cabos", afirma o engenheiro Antônio João Leite. Os cabos, trocados em 2001 por um consórcio de empreiteiras, têm garantia de dez anos.

Segundo João Leite, somente uma vistoria mais aprofundada pôde identificar problemas na estrutura dos tirantes de sustentação, já que a parte oxidada estava a mais de 50 metros do chão. A inspeção na estrutura da estação foi feita através de técnicas de extensometria, com a instalação de sensores capazes de monitorar o peso que pode ser suportado pelo viaduto.

Os sensores instalados em 2001 continuam com capacidade de uso. No entanto, o equipamento que faz a leitura dos dados foi roubado numa ação de vândalos. A prefeitura, através da Secretaria de Comunicação (Secom), confirmou que a prefeitura irá reinstalar o equipamento a partir da próxima segunda-feira, desta vez, dotando-o de uma proteção contra ações externas.

A prefeitura ainda refuta a tese de que não há monitoramento da estrutura da estação. Segundo a Secom, a estação da Lapa passou por diversas vistorias desde 2001. Contudo, o órgão não soube precisar a periodicidade destas inspeções.

Deficiências – O último relatório do Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia (Crea-Ba), publicado em dezembro de 2006, aponta uma série de deficiências na estrutura da estação de transbordo da Lapa. São placas de concreto apresentando fissuras, pistas com rachaduras, infiltrações na laje do piso superior, corrimãos apresentando oxidação, além de problemas nas redes elétricas, mecânicas e sanitárias.

Quase um ano após a publicação do relatório, não houve grandes mudanças. A estação de transbordo apresenta rachaduras, goteiras e infiltrações que são visíveis aos olhos de qualquer passageiro. A maioria não se sente segura dentro da estação: "A estrutura é toda velha. É preciso uma reforma imediata para melhoria do prédio", sugere a estudante Daniele Dutra.

O ambulante Joilton Ferreira reclama das infiltrações no subsolo da estação: “A Lapa está toda problemática. Aqui quando chove, molha tudo. É uma goteira só”. Já o consultor de vendas Cláudio Santana, que trafega na estação de trasbordo diariamente, acredita que faltam manutenção e vistorias no local.”Esta estrutura é toda velha, cheia de infiltrações e oxidações. Quando é que eles vão tomar uma providência? Quando houver outro acidente?”, indaga.